



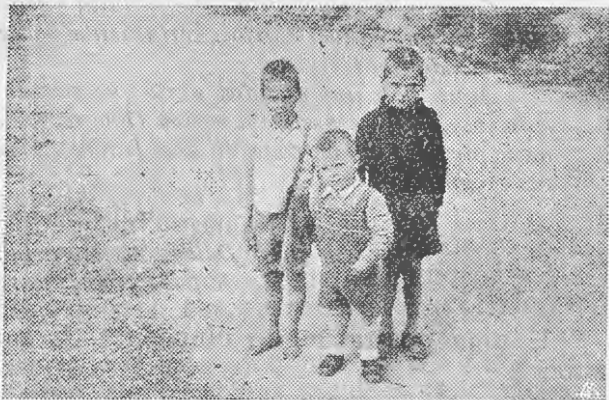
Gaiato



Visado pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO IV — N.º 147
PREÇO 1\$00



Tres amores de Paço de Sousa. Não olhar para o traje de um d'eles; calhou assim. Mas ele tem cama feita e mesa posta.

Muito importante

Agora reina uma nova alegria em

nossa casa. É o correio; são as cartas diárias. O Avelino já não diz dinheiro. Exclama trabalho: Olha trabalho, berra ele, enquanto vai abrindo cartas.

O Júlio, que tem a seu cargo a contabilidade da tipografia, é chamado a tomar conta da correspondência, e também se retira em doce e alegre murmúrio: Trabalho, Mais trabalho.

Quem disse a estes rapazes que o trabalho é tudo, — quem? A nossa vida de trabalho!

Cantinho dos Rapazes

Chegou a hora de vos falar mais alto dos progressos da nossa casa e de dizer aos mais velhos que façam dela a menina dos seus olhos; é sim valer-se cada um a si mesmo. Nenhum de vós tem outra fonte. Esta é a vossa fonte. Esta a vossa casa. Esta a vossa Obra.

Falo aos maiores. Aos que já compreendem. Aos que já têm o poder de julgar. Em Coimbra e em Paço de Sousa já temos rapazes que tomam conta e dão conta das suas obrigações. Têm o seu ordenado. Têm a sua caderneta de depósitos na Caixa. Põem e retiram dinheiro seu. Compram a seu gosto as suas coisas. Já temos chefes cheios de autoridade e de responsabilidades; o chefe das oficinas de Paço de Sousa, porque um carpinteiro assalariado lhe faltou ao respeito, ele convidou-o a retirar-se e o homem retirou-se. O chefe é um vosso companheiro. E' o António do Bairro. Foi-se a ver e ele tinha toda a razão. De outros rapazes, entregues totalmente às suas obrigações, podemos dizer com verdade a mesma coisa. Vós estais naquilo que é vosso. Amai; fazei da Obra a menina dos vossos olhos. Mas.

Aqui há tempos, recomendei um rapaz ao maioral do Lar de Coimbra e ele respondeu-me, que tendo ouvido os outros de casa, estes se tinham oposto à entrada por ser já a quarta vez que o dito rapaz tinha entrado e saído do Lar. Por aqui podeis ver que a Obra é verdadeiramente vosso. Eu sou o fundador e nada mais. Vós sois os continuadores. Fica dito e escrito aqui de uma vez para sempre, que os Padres da Rua são os orientadores de uma obra social que totalmente vos pertence e tem de ser por isso mesmo tratada por vós como uma coisa vosso. Deixo-vos estes dois exemplos, o de Paço de Sousa e o de Coimbra, para que vós possais ler e mastigar.

Claro está que nem todos podem ser chamados a postos de responsabilidade e de sacrifício dentro da nossa Obra. Não podem. Os homens são muito raros, com quanto tu vejas os caminhos cheios deles. Porém, aqueles ou aqueles que forem chamados, não tenham medo de vir e apresentem-se de consciência boa e cheios do reconhecimento de um grande dever cristão e social; isto é: haveis de querer para outros rapazes da rua os benefícios que aqui viestes buscar, e por amor desta verdade, haveis de trabalhar e haveis de aturar e haveis de sofrer. Não há outro caminho.

CARTA DO BRASIL

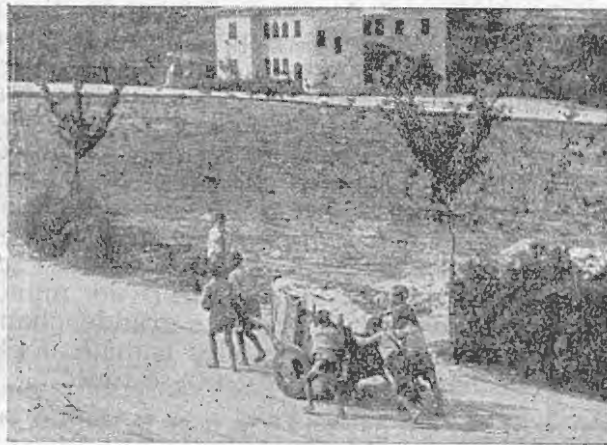
VIERAM dizer que o automóvel estava fora da porta. Um amigo tinha-se proposto conduzir-nos a Santos e não faltou. Era um *espadão*! No Brasil são tudo *espadas*. Dificilmente se topa um carrinho humilde. Até os taxis.

Qualquer um que Zé Eduardo chamava para irmos aqui ou ali, era de sete lugares. Tudo categoria. Tudo classe, a engulir almudras de gasolina e a estorvar. O trânsito nas ruas é de meter medo. Nem o Gago Coutinho escapou! Foi aqui, informou alguém, ao mostrar-me a encruzilhada aonde o herói se havia estendido. Foi aqui.

Eram nove horas dum formoso dia. Tomamos pela via que liga as cidades de S. Paulo e Santos, com o nome de Anchieta. Os brasileiros tornam-se simpáticos a todo o mundo por haverem dado este nome à primeira estrada de rodagem que eles por ora têm. O Padre Anchieta. Que nome! Que gigante! Eu tinha estado ontem no Museu de Ipiranga, instalado nas salas do que foi outrora o Palácio dos Imperadores. Em uma das salas, vê-se um quadro de grandes dimensões com a tela da sua figura. Estremeci. Feliz pincel que soube pintar o divino; um homem que desembarca em terras desconhecidas, minado unicamente e totalmente pela paixão de ensinar. Um missionário. O Padre Damião, em nossos dias, também assim desembarcou na ilha dos leprosos. Levava somente a roupa que trazia no corpo mai-lo seu breviário. Ele ia ensinar!

Aqui há tempos encontrei-me em Lisboa com um sacerdote que me disse ir para as Missões. Mostra-me ele uma lista das coisas que já tinha comprado e das coisas que ia ainda comprar. Eu vi tudo e disse-lhe que não levaria muito tempo que o não visse de regresso. Assim aconteceu. Sabe; não se atura clima nem pretos, foi o que me disse este missionário, para se justificar. E' a saca. Quem se meter por estes caminhos de saca na mão, tropeça nela infalivelmente. O Mestre mandanos caminhar sem saca nem bordão.

Mas deixemos a vulgaridade e retomemos o heroísmo. Estamos a caminho de Santos. A meia altura, encontra-se uma pirâmide um nadinha inclinada sobre a via, com letras de relevo nas quatro faces. Deve ser a história da passagem por ali, naquele tempo, do apóstolo. Outra vez de parabéns os brasileiros por darem relevo aos Grandes. Eu quisera ter parado para ler e mastigar; meditar um bocadinho na beleza espiritual dos passos que se fazem a paz e o bem. Quisera sim; mas o



Lá vai a fourgonette carregadinha. A senhora dos C. T. I. pinta a macaca com o Avelino: que não pode ser; que mande a gente tudo separado; que ela não pode dar conta — e mais e mais e mais. Avelino expõe ao Júlio e este também pinta a macaca: que não; que chame ela ajudantes; que nós não somos funcionários dos correios e que pagamos avença. Que mandamos Porto e Lisboa e Coimbra e Estrangeiro à parte mas os Diversos não. Eu cá não interfiro. Eu sou jornalista e já não é pouco.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX
carro não me pertencia. Não queria incomodar, tanto mais, que pouco antes tinha solicitado paragem à vista de um panorama que me deslumbrou.

O Brasil é o celeiro da beleza natural. Os cariocas têm a chave de ouro. Se a beleza não fosse como o diamante, estavam gastos o Rio e Guanabara de tanto que deles se tem falado. São os morros. O Pão de Açúcar é morro. O Corcovado também. Morros às dezenas emergem da cidade, e também são morros naturais as ilhas graciosas que povoam a baía. Os cariocas têm a chave de ouro.

Eu defino o turismo como uma ciência que proporciona aos homens a vista dos sítios aonde Deus escreveu maravilhas, sem as destruir nem tão pouco modificar. Pois esta ciência requer-se em todos os pontos que eu visitei e entre eles, como o primeiro, a terra dos cariocas.

Mas continuemos. O carro prossegue e ouço dizer que antes do meio dia estamos em Santos. Esta estrada maravilhosa quer ser, e depois de concluída será, igual à nossa Auto-Estrada de Lisboa. Mas não há linda sem senão. A certa altura fizemos alto. Uns funcionários mandam parar e cobram dez cruzeiros. No regresso foi na mesma; dez cruzeiros. Todos os carros que ali passam pagam o que eles chamam taxa de pedágio. Ora isto deslustra. Eu acho uma impertinência. As estradas deveriam ser livres e as taxas cobradas de outra sorte.

Era meio dia e nós estávamos em Santos. Na próxima direi de como as coisas ali se passaram.



A turma dos da lenha; eles tem de fornecer lenha para a cozinha, para a casa do forno e para a caldeira de aquecer agua para o gado. Oh trabalho!
O Sejaquim, o cego, vai atras, a ver ...!

Um esclarecimento

Eu nunca o diria a ninguém, se não tivesse visto em letra redonda na «Flama», que por sua vez foi buscar ao Boletim do Tribunal de Justiça do Estado de S. Paulo, aonde vem publicado. É uma saudação. A saudação que me quis fazer o Presidente daquele Tribunal, Desembargador senhor Theodemiro Dias, na maré em que ali me apresentei a falar da Casa do Gaiato, por convite. Nunca o disse a ninguém, mas já que os mais falam, vou eu aqui dizer o que eles não sabiam.

Eu escutei de pé, corajosamente, na mesa da Presidência, para onde me quiseram chamar. Estava nas alturas, mas, por Deus, não me desequilibrei. Não escolhi lugar. Não subi sem primeiramente ter sido chamado. Mal me foi dada a palavra, comecei a falar. Falei do Zé da Lenha, dos toirinhos a nascer, das galinhas chócas com os seus pintaínhos, do Pírculas e do Presidente e do Rôla e do Príncipe e dos Batatas. Falei dos nossos campos, das nossas flôres, das nossas abelhas, das nossas pombas, das nossas vacas leiteiras. Falei em profundidade das coisas pequeninas da nossa aldeia, com sentimento e unção. A assembleia escutava de boca aberta. Eram lágrimas e ais. No final deu-se um assalto à minha pessoa. Queriam em todo o modo que eu repetisse tudo quanto dissera para ser gravado em disco e foram buscar o aparelho. Naquele dia não, mas as palestras seguintes ficaram gravadas.

Compreende-se o espanto. Nós não estamos afeitos a ouvir falar de coisas simples, quando se trata do chamado trabalho de responsabilidade, como são as teses que se levam aos congressos desta natureza. Não estamos. Ali é tudo diferente. São os colarinhos altos, a casaca, a mesa de pau santo com o ramo de cravos mai-lo copo. É a saudação com vénia. Finalmente, vem a erudição desfiada em linguados, caindo um a um das mãos do orador, enquanto a assembleia escuta e espregueia se ainda faltam muitos deles... Ouvem-se as palmas do estilo e o senhor ou a senhora guardam o seu trabalho para repetir em outras solenidades, até passar de moda o que eles dizem. Ora no Tribunal de S. Paulo não.

Notícias do LAR DO PORTO

1 Nova remessa de rapazes vieram de Paço de Sousa para se empregarem.

Entre eles conta-se o já muito conhecido e falado Cête que trabalhava na redacção do nosso jornal. Veio também o Rato que era da limpeza das casas, o Rola que desempenhava o cargo de porteiro e o Marco que trabalhava no campo.

Todos eles estão satisfeitos por se terem empregado.

2 Estamos na ocasião das férias e alguns dos nossos rapazes já as gozaram outros estão gozando-as e ainda outros terão que esperar para o próximo ano.

O Prata foi à Covilhã passar parte das férias com a mãe e o resto passou-as em Paço de Sousa. O Manuel Marques foi à Guarda passa-las também na companhia da mãe, o Adriano foi a Tomar e o Licínio a Lisboa.

O Julio e o Amadeu dois irmãos foram a Elvas e por sorte foram na ocasião das festas da cidade.

O QUE NOS DÃO

3 Da Junta Nacional de Frutas temos recebido muita fruta, entre as quais vinte quilos de bananas, muitas maçãs, peras e uvas.

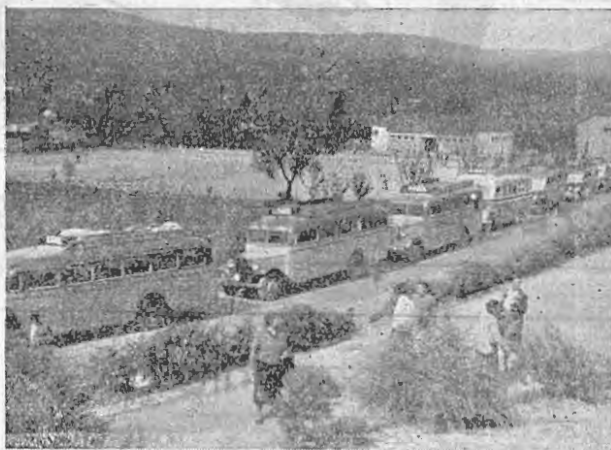
Do Matadouro mandaram-nos vinte e seis quilos de vitela. Durante a semana foi uma consoladela de carne.

Uma Senhora de Águas Santas deu-nos sete casais de pombos correios, mas como são muitos mandamos alguns para Paço de Sousa. A todos os benfeitores muito obrigado.

CARLOS

Uma Excursão

Desta vez não foi como a muito falada excursão do Bairro Ameal, que havia de reunir para cima de quarenta camionetas e quando chegou o dia não eram mais de três. Desta vez não foi assim. Falava-se em treze delas e apareceram catorze. A Comissão organizadora, aqui



no campo da bola, leu a mensagem do sentido verdadeiro da excursão: *Os trabalhadores da Foz do Douro resolveram fazer uma oferta.* Trata-se de umas redes de Futebol, umas redes Basquetebol, umas redes de Voleibol. A mensagem continua: *Aceite esta pequena lembrança dos humildes trabalhadores e de mais algumas colectividades de Instrução, Recreio, Beneficência e Desporto.* Isto vem tudo escrito em um pergaminho artístico e assinado pela Comissão. Entregaram 500\$00, sobras do custo das redes. Um grupo de jogadores que vinha na excursão, ofereceram ramos de flores, galhardetes, uma bola; e quiseram jogar conosco um desafio. Os humildes trabalhadores!

Contavam-se para cima de quatrocentas pessoas, entrando mulheres e crianças. Trouxeram e comeram os seus farnéis. Viram de perto a nossa aldeia e choraram de alegria. Deixaram muitas moedas de prata na capela e no hospital e nas *alminhas* e dentro numa bandeja na sala de entrada. Os humildes trabalhadores! Quem quiser fazer no mundo alguma coisa verdadeiramente grande, chame para ao pé de si os humildes trabalhadores. Com eles não se faz muito; faz-se tudo.

Do que nós necessitamos

Mais um peditório na capela da Granja que rendeu à volta de sete contos. Foi na Granja que eu comecei a minha vida de mendigo; os primeiros anos era na Assembleia, ultimamente tem sido na capela. Parece que já me não havia de custar nada o pedir, de tantas vezes o fazer, e não é assim. Sentimos um tamanho desejo de independência, que o pedir é uma humilhação dolorosa. Mais o peditório num cinema de Espinho, por mercê do seu dono e mais pessoas que quiseram ajudar-me; rendeu perto de seis contos. Mais cem escudos com este rótulo:

É muito pequenina a oferta, mas é portadora do meu grande reconhecimento a Nosso Senhor, por me ter concedido a grande graça de muita paciência, para sofrer com a maior resignação, uma grande e injusta afronta de que fui vítima.

Assim se vingam os verdadeiros cristãos. Gosto de publicar estas pequeninas notícias como verdadeiros documentos de orientação humana. Mais cem escudos da Murtosa. Mais oitenta escudos de um grupo de estudantes. Mais de um grupo de raparigas do Estoril com mil e cem escudos. Mais o doutor Zéquina. Mais roupas. Mais roupas. Mais cinquenta escudos de Lisboa. Mais quinhentos depositados no Banco Espírito Santo. Mais cem escudos de um leitor da Foz do Douro. Mais do Alto Douro um cesto de uvas deliciosas. Trinta quilos delas. Coincidiu com a remessa das «consoladelas» que regularmente recebemos por esta época do ano, por isso mandamos para o Lar do Porto uma grande fatura de cachos. O' delícia! Mais quatro sacos de batatas vindas de Chaves. Quem dera mais batatas. Mais uma pancadaria de recados e missivas nas mãos da Menina Ema do Espelho da Moda. Também ali costuma ir muita gente desobrigar-se, pagando a assinatura do jornal. Também é costume deixarem muitas e variadas ofertas. A tudo e a todos dizemos que sim. E mais nada.

A NOSSA TIPOGRAFIA

Atrazado 229.000\$00

E das Pedras Salgadas. E o Lobito a valer por três; O Lobito é praça nossa; temos ali grandes conquistas de amizade e simpatia pela «Obra da Rua». E a Beira a valer por dois. A Beira é outra praça. Os portugueses do Ultramar são tanto como os do continente. E Chaves. E Maceira de Liz a valer por dois. E dois irmãos um médico e outro farmacêutico que valem por cinco. E mais isto:

Ao ler na integra o nosso «Famoso», pela primeira vez impresso na nossa Tipografia, descobriu-se que o artigo, «Lar do ex-Pupilo—Sua razão de ser» da abalizada pena do Herlander, trazia 26 faltas do acento til.

Como não se acredita que a falta seja do autor, distinto Universitário, é certamente, pobreza da caixa do tipo!...

Aqui vão uns escudos para que se adquiram os 26 tís e assim, a nossa Tipografia, em nada desmereça no conceito dos leitores e futuros fregueses!

De quatro irmãozitos
a quem Deus concedeu a felicidade de poderem ajudar.

E uma prestação de cinquenta. E mais isto;

Tenho sete filhos e vivo com dificuldades mas, nem por isso, quero deixar de concorrer com a 2.ª prestação, que junto envio, para a nossa tipografia.

Tenho sofrido grande confusão, por motivo de um negócio mal sucedido, na administração do meu emprego.

E' com os olhos postos em Deus que faço este pequeno sacrificio, para que Ele me ajude a livrar-me deste embaraço.

Que o Senhor lhe dê saude e longa vida, para bem dos infelizes, são os meus ardentes votos.

Um grande pecador.

E' a procissão; o mais formidável cortejo que jamais passou pelas ruas de Portugal. E mais isto:

Já entro tarde na procissão mas...

Dou uma moeda de 5 dólares ouro, que pode servir para uma anilha da tipografia dos Rapazes.

Esta moeda foi me dada de presente no Natal de 1923 pelo meu bom comportamento durante um ano de trabalho numa fábrica dos U.S.A.

Murtoseiro.

E' meu desejo, para bem de todos, que esta procissão demore muito tempo a recolher.

E mais um. Tanto este como o de cinco dólares são da Murtosa; uma excursão da Murtosa que nos veio visitar, tendo deixado uma carapuçada de dinheiro.

Os excursionistas não se queriam ir embora sem ver a minha cara, e eu ateimei em não mostrar. Eles, visivelmente tristes, conformaram-se e já estavam instalados dentro da camionete. Porém, mal o cicerone me entrega a saca do dinheiro e eu vejo dentro dela oiro a reluzir, desci abaixo e mostrei a minha cara! Confesso aqui o meu pecado. E um visitante. E outro visitante. E Sintra. E o Porto a valer por dois. E uma mãe de algures. E desoito que se juntaram à procissão na rua dos Clérigos cada um a valer por um; e um a valer por cinco; e um a valer por dez. Este último é do Brasil.

E uma. E uma a valer por duas. E uma professora de Viseu da mesma sorte. E uma que manda a cota das filhinhas. E uma criada de servir. E Cardigos. E uma libra em oiro do Porto; felizes os que têm facilidade de assim se libertar.

Ora vamos a contar; dar o balanço da preguiça de muitos comparada com o zelo de alguns:

Atrazado 229.000\$00

Hoje 7.100\$00

236.000\$00

Faltam somente duzentos e sessenta e quatro contos. Nós vamos prosseguindo no ritmo de 20 déles por mês, ao fornecedor das máquinas, até saldar totalmente.

ISTO É A CASA DO GAIATO

EU tinha ido pedir ao cinema de Espinho, por amável convite do dono do estabelecimento e de várias pessoas que nos quiseram ajudar. Levei comigo o Zé Eduardo.

Entreguei-lhe a pasta com o produto, deixei-o ficar no cinema e recomendei-lhe que tomasse conta. Nós estávamos instalados em um hotel daquela praia. No dia seguinte, bati-lhe à porta do quarto. Daí a nada entrei. Estava ele pronto a sair. Foi então que ele levanta o travesseiro, aonde tinha uma chave, com qual abriu a gaveta numa cómoda, e dela retira a pasta: *Aqui está o dinheiro*. Eu não tinha recomendado nada do que ele fez, mas Zé Eduardo tomou as necessárias precauções. Dormiu com a cabeça sobre chavel.

Eu não lhe disse nada; talvez o rapaz não tivesse dado fé da minha alegria. Mas digo agora aqui para que o mundo inteiro fique sabendo quão doces não são os meus trabalhos.

Zé Eduardo anda triste. Está-se aproximando o tempo dos estudos e como já antes teve ocasião de me informar, e até, para usar as suas próprias palavras, vai andar por lá depenado. Por isso, Zé Eduardo pôs um semblante muito piedoso, e disse-me que eu tinha de lhe dar uma pensosinha.

A palavra também é dêle. Ora eu encontro-me muito embaraçado se sim ou não o devo fazer. Eu tenho culpas. É o cigarro. O cigarrito. No Brasil fraquejei e nós fumávamos ambos, cada um o seu, depois do jantar e depois da ceia. Era na céla do Mosteiro de S. Bento. Um pacote de cigarros, uma caixa de fósforos, um cinzeiro, nós ambos, fumo e ideias. Eu tenho culpas. Mas nós estávamos longe da Pátria. Amávamos-nos mais do que nunca. Eu queria ver o rapaz sempre muito contente. É o sentimento. A força do sentimento. Verdade é que eu, como que a desculpar-me, ia dizendo baixinho enquanto fumávamos: *O Zé; como há-de ser em Portugal*. O Zé Eduardo, não me disse nada no Brasil mas fê-lo aqui: *Uma pensosinha!*

SAIRAM ontem da aldeia dois pequeninos trabalhadores para a cidade do Porto; o João de Deus e o Lourenço, que já estão bem colocados. A tal respeito, o chefe do Lar teve comigo uma larga conversa. Disse-me que se torna muito necessário aos nossos rapazes apresentarem-se decentemente vestidos nos seus empregos, e que nem sempre assim acontece. Queixa-se dos dois que foram recentemente. É a fralda. A fralda da camisa. O chefe explica que a senhora anda sempre em cima dêles para que metam a fralda para dentro e êles vão para o trabalho com a fralda de fora. O chefe é um rapaz muito atinado, por vezes meticoloso. Gosta-se muito dele. *Olhe que assim não pode ser. Diga duas palavras aos rapazes*. Eu não disse nada. Eu cá não digo nada. Não há nada de que eu mais goste do que ver um rapaz com a fralda de fora. Concorro plenamente com o chefe. Estou contente com a senhora. Mas não digo nada.

O Alfredo foi escolhido para suprir a falta do Júlio no controlo de venda do último número de «O Gaiato». O Júlio tinha ido para férias. Eu préguei um sermão ao Alfredo e ele escuta-me com olhos arregalados, como é costume seu. Disse-lhe que ele ia lidar com muito dinheiro; dinheiro trocado em pequenas

moedas. Que no Porto há muitas lojas e dentro delas muitas coisas de que êle gosta. Que não teria ninguém a vigiar o seu trabalho. E que me dissesse com sinceridade se tinha forças ou não. A resposta foi afirmativa. O rapaz ficou no Lar do Porto durante três dias, ocupado com o mapa da venda e o acerto das contas. Soube por um outro que ele passava bocados amargos a pontos de ficar um dia sem comer, tantas as dificuldades e tal a sua preocupação. Duas provas me deu o Alfredo. A primeira é a do pouco despacho que tem. A segunda é a sua fidelidade. As contas deram certas.

Espreitar não. Confiar sim. A confiança é a base e a fonte de onde nascem na alma dos rapazes as grandes resoluções. Eu não quero que eles tenham medo de mim, mas quero que eles tenham medo de si mesmos. Todo o homem que se teme a si, livra-se de muitos perigos. Eu acredito no Alfredo. Eu quero acreditar no Alfredo.

JÁ não era para mim pouca alegria, o escutar e atender os dois pequeninos *Xanxaxé e Fominhas*, aos domingos; eles veem-me pedir licença para vizitar a sua pobre, agora de cama, por ter dado uma queda e ficado mui mal tratada. Não era pequena alegria. Porém, ontem redobrei e estremei, ao escutar a voz do Lobo e do Ruy. Era noitinha. Os dois rapazes, ambos alfaiates de profissão e chefes por devoção; os dois rapazes, digo, abeiraram-se e falavam piedosamente do estado de uma família de aqui perto, a quem desejam levar socorro. Eu fui pessoalmente ver a saca que eles prepararam, com coisas da nossa dispensa. Era obra de 4 quilos de borra cozida, dois pacotes de farinha de pau, dois bacalhau, um litro de azeite e arroz. Açúcar não, porque também na ocasião o não tínhamos. Depois da saca arranjada, foram à senhora da rouparia por roupa. E finalmente vieram ter comigo por algum dinheiro. Eu estremei de alegria e vi sair pela porta os dois grupos, cada um para seu destino e ambos embaixadores de Cristo. Eram lixo!

Primeiramente, observemos de como é possível e suave acender na alma destes rapazes uma luz que alumia e aquece. É pelo amor. Eles sentem-se amados e procuram naturalmente amar. Não é por mais nada.

Em segundo lugar, vejamos de como é possível e amargo ver um lar arruinado pela doença e pela fome. Este que os nossos dois rapazes visitam, está nestas condições. É pela indiferença. É pela ignorância culpada do que devemos uns aos outros. Não é por mais nada.

Em terceiro lugar, consideremos as aparências. Quem vê as igrejas e as procissões, mal sonha que um visinho possa morrer de fome dentro da sua casa. E morre!! Eu sou teste munha.

A exemplo do ano passado, também neste o Lobo me veio pedir para eu rezar missa por alma de seus pais. O Lobo é alfaiate. É muito atinado. É chefe da casa um e promete dar bom nome à nossa organização.

Eu disse imediatamente que sim e que marcasse ele o dia. Nós rezamos missa diariamente nas lindas capelas das nossas aldeias, mas

a obrigação de assistir é sómente aos domingos e dias santificados. O Lobo apresentou-se com o seu fato melhor e acompanhado dos seus maiores amigos. Lembra-nos ter visto o Cid, o Caçoila, o Faísca, o Arlindo, o Jacinto, o Fominhas, o Fúinha, o Rogério; mas eles eram muitos mais. Havia deles sapateiros, alfaiates, carpinteiros, tipógrafos, tecelões e camponeses. O Lobo, no fim da missa, reza em alta voz e acompanhado de todos os seus amigos, um Padre Nosso e uma Ave Maria pela alma de seus pais e dirige-se à sacristia aonde me deu os seus agradecimentos. Eu acho isto simplesmente maravilhoso; um acto perfeito de homens que hão-de ser. É para que não faltasse nisto tudo o selo branco da nossa ordem e regras, na sacristia levantou-se uma grande discussão entre o Melgaço e o A'guia por causa de uns rapazes que também haviam de assistir e à última hora faltaram.

António Moreira da Silva

BARBEIRO

Casa do Gaiato

PAÇO DE SOUSA

ORA aqui temos o nome completo, profissão e morada do antigo e mui falado *Piriquito*. Felizmente que este apelido tende a desaparecer; agora é tudo Moreira acima, Moreira abaixo; e com a actual publicação desta notícia, espera-se que seja totalmente banido dos nossos costumes o chamamento que antes se ouvia.

O Moreira foi o primeiro a fazer a encomenda de meio cento de cartões, que traz agora dentro da sua carteira, importante e feliz. São os anos. É o fato novo, os sapatos de classe, a gravata, o ambiente, as relações. O Moreira tinha tudo, só lhe faltava o cartaz a que ele chama agora cartão. Já assim foi com o Zé Eduardo; tudo igual ao Moreira, só que aonde este põe *barbeiro*, aquele pôs *estudante*. Eu conheci um pobre no meu antigo giro de Coimbra, que todas as semanas me procurava. Eu vivia no Seminário e ele mandava o seu cartão. Por debaixo do nome lia-se *tuberculoso*. Era a sua profissão. Era o cartaz; *tuberculoso!*

Já que falo no Moreira, vou aqui dizer que ontem à noite e hoje de manhã vieram dois dos mais pequeninos fazer-me queixa dele; um que ele lhe dera com um pau e outro, um grande murro nas costas. E choravam os pequeninos. Eu acudi. Eu não podia deixar de o fazer. Não quis ouvir as razões do Moreira. Ele não as tinha. Ele não as podia ter. Ninguém tem razão de bater numa criança. Eu disse ao Moreira que muito gostaria de o ver medir-se com o António do Bairro, com o Tobias, com o Constantino, com o Amadeu e com outros que tais. Disso não me importaria e até gostava... Mas provocar lágrimas a uma criança que não tem forças para se defender, é uma covardia.

P. S. — Hoje de manhã, Moreira, aparece de cara inchada. Muito inchada. Que tinha sido uma abelha, foi a sua resposta, quando lhe perguntei.

Daí a nada soube tudo. Não foi nada uma abelha.

Foi mas é um valente sóco que o Diamantino lhe dera ontem à noite. Muito bem. O Senhor Moreira precisa d' estas abelhas..!

Aqui há dois meses apareceu-nos um pequenino de tenra idade e muito mortal. Foi-se a ver e ele tinha bacilos. Imediatamente e cheio de medo, apelei para o Caramulo e como não viesse de lá resposta nem mandado, resolvemos fazer na nossa aldeia um pequenino *caramulo*. Como no nosso hospital existe uma enfermaria de isolamento, instalamos ali o pequenino tuberculoso, a quem se deu por remédio borra cozida, leite das nossas vacas e muito carinho. O rapaz nunca mais dali saiu até ao dia da nossa vindima, que foi ontem. Eu vi-o ali pela mão do seu pequenino enfermeiro, no meio dos infinitos vendimadores. Ele saltava. Ele berrava. Ele subia às árvores. Ele comia uvas. Ele era por todos acariciado. É o milagre do nosso *caramulo*. Foi preciso que esta adorável criança tivesse aqui chegado doente e sem pais, para poder ser hoje aqui publicada como matéria prima de um milagre de amor. Este pequenino doente anima muito a nossa aldeia; passa os dias à janela da enfermaria, da qual sempre fez cativo voluntário. E como ela tem duas, cada uma para sua face, segue-se que o rapaz está em contacto permanente com os outros que passam por um e por outro lado do edifício. Ele sabe o nome de todos os rapazes e chama por todos eles; mas por quem ele mais chama é o Avelino. Pedre-lhe coisas. Pedre sobre tudo *caixotas*. O Avelino pára, escuta e dá-lhe brinquedos. O Avelino veio para cá pequenino e é hoje um empregado qualificado. Se tivéssemos em vez dele, homens assalariados, nem o doente chamava por eles, nem eles olhavam para o doente. Assim, não. O Avelino é da casa; é da família. Também ele recebia carícias dos maiores quando veio em pequenino e hoje, que é grande, faz festas aos pequeninos.

NÓS desde o princípio resolvemos fechar a porta aos mendigos profissionais. Isto consta entre eles e é muito raro que um aqui apareça. Mas há dias apareceu. Era um homem muito robusto, muito mal encarado e de calças rotas. Como lhe dissessem que não, o mendigo desata numa ladainha infernal pela avenida abaixo. O Bucha vai atrás dele e manda-lhe um calhau; ó ladainha!

Eu tenho pena que isto aconteça, porquanto estas hordas de pedintes são em grande parte causadas e alimentadas pela preguiça culpada dos que podem. Num instante este mal seria remediado se cada um cumprisse o seu dever. O nome da nossa aldeia e do Padre Américo cheiram muito mal no seio desta classe de mendigos. Assim rezava a ladainha do malcriado a quem o Bucha atirou a pedra; mas nem por isso nós desistimos e continuamos com a porta fechada.

De vez em quando também aqui aparecem homens e mulheres com recomendação de que são pobres, passada pela respeitável comissão de assistência das suas freguesias, aonde assinam, como é de estilo, o presidente da Junta, o pároco, e o professor. Estilo digo bem. Estas comissões de assistência são uma linda teoria. Se elas fossem racionais e positivas, prestavam assistência e não mandavam para aqui os necessitados. Eu leio e danço-me todo. Fico furo. Perco as estribeiras. Eu gostaria de ver as coisas no seu lugar.